

# I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

## A Tartaruga Marinha sob Diferentes Visões de Natureza: O caso do TAMAR no ES<sup>1</sup>.

Davi Scárdua Fontinelli<sup>2</sup>

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

**Resumo:** Considerando o contexto espiritossantense, com foco no manejo e na conservação de espécies “carismáticas”, a proposta do texto consiste em apontar alguns *movimentos* nas relações locais referentes às ontologias de Philippe Descola e ao processo de categorização simbólica de Roy Wagner. Como forma de análise empírica, realizou-se uma etnografia, durante o mês de março de 2015, nas vilas de Regência e Povoação, localizadas na região da foz do Rio Doce, litoral norte do estado do Espírito Santo. Os *movimentos*, aqui considerados, se deram, principalmente, entre as tartarugas marinhas; os cientistas naturais e estagiários associados ao Projeto de Proteção as Tartaruga Marinhas – TAMAR, atuantes na região; e os moradores das Vilas de Regência e Povoação. Como veremos, foi possível perceber que este dinamismo, tanto ontológico como simbólico, confere alta complexidade às relações existentes na região, resultando, algumas vezes, em sentimentos de disputa e dominação e, em outras, em sentimentos afetivos, dignos de sacrifícios pessoais. Uma segunda “campanha” de campo está prevista para o mês de novembro de 2015, com isso, espero realizar um maior aprofundamento sobre o tema.

**Palavras-chave:** Tartarugas Marinhas; Ontologias; Invenção

### 1. Considerações iniciais sobre a pesquisa

O presente texto é fruto de uma etnografia realizada durante o mês de março de 2015 nas vilas de Regência e Povoação, localizadas na região da foz do Rio Doce, litoral norte do estado do Espírito Santo. Seu objetivo é contribuir para o conhecimento sobre a relação de humanos e não-humanos em meio a disputas ambientais que envolvam o manejo e a conservação da fauna silvestre “carismática”. A proposta consiste - dentro do limite de laudas – no apontamento de diferentes modos de identificação e de relações ontológicas (DESCOLA, 2012, 2014) compartilhados entre humanos e tartarugas, no contexto espiritossantense.

Além disso, tentei promover um diálogo entre Descola e Roy Wagner (2012), ainda que de forma inicial. Mais precisamente, relacionando as diferentes ontologias às formas pelas quais agentes locais, como cientistas, técnicos governamentais e não governamentais, *inventam*<sup>3</sup> e *convencionam* suas relações com as tartarugas. Estas diferentes conformações relacionais ocorrem nos diferentes momentos em que há interação com estes seres, que, por sua vez,

---

<sup>1</sup> No decorrer da construção deste texto, decidi por mudar o título para “Relações e Invenções com Tartarugas Marinhas: o caso do TAMAR no Espírito Santo” Mas, devido às normas de inscrição, não foi possível.

<sup>2</sup> Bacharel em Ciências Biológicas - UFES. Atualmente mestrando em Ciências Sociais – UFES.

<sup>3</sup> O conceito de *invenção*, elaborado por Roy Wagner (2012), será melhor trabalhado adiante.

# **I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES**

exercem um papel central nas relações sociais da região. A maioria destes agentes está vinculada ao principal projeto ambiental em atividade na região, o Projeto de Proteção das Tartarugas Marinhas - TAMAR.

## **2. Contextualizando**

As vilas próximas a foz do Rio Doce, incluindo Povoação e Regência, se estabeleceram nas últimas décadas como comunidades pesqueiras (SALLES, 2011). Atualmente, a vila de Regência é uma localidade bastante conhecida, notadamente pelos turistas. Recebe um grande número de visitantes em datas festivas. Tanto a comunidade de pescadores, como os gestores locais, precisam lidar com esse fluxo de turistas, invariavelmente. A base de Regência se justifica por se tratar de uma área prioritária de alimentação e de desova das tartarugas. Além disso, por conta da alta frequência de turistas, existe um centro de visitantes do TAMAR na Vila.

A Praia de Povoação, por sua vez, não possui um centro para visitantes, como há em Regência, e o Projeto considera a área importante para a desova. Lá existe unicamente uma base, que fica a cerca de 3,5 quilômetros da vila, que aloja pesquisadores e estagiários durante a temporada de desova, para o monitoramento, pesquisa de campo e coleta de dados. Além disso, estudos de cunho socioambiental sobre esta localidade são inéditos. Devido a distância física entre a base e a comunidade, podemos pensar que as relações entre os gestores do Projeto, eventuais estagiários durante a alta temporada e a comunidade são, talvez, igualmente mais distantes. Mas, para sustentar tal afirmação mais dados e estadia em campo são necessários<sup>4</sup>.

Novamente evoco o limite de laudas para justificar o fato de não entrar em detalhes aqui, mas, em suma, depois que cheguei em Regência, consegui, rapidamente, autorização do coordenador nacional do TAMAR para realizar minha pesquisa. Desta forma, tomei como iniciada minha etnografia. Distribuindo meu tempo entre os afazeres de casa (faxinas e cozinha), as leituras necessárias, a escrita do diário de campo, o monitoramento dos ninhos junto aos cientistas, as visitas ao centro de visitantes (CV) e a Reserva Biológica (REBIO) que existem na região, além de outras atividades que de alguma forma envolvem os técnicos

---

<sup>4</sup> Durante a segunda campanha em campo, prevista para o mês de novembro de 2015, pretendo permanecer mais tempo na vila de Povoação.

# I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

do TAMAR e a comunidade - que, diga-se de passagem, não são poucas. Como veremos, a jornada de trabalho dos técnicos e, principalmente, dos estagiários é excessivamente longa, exigindo muita atividade, mental e braçal, além de poucas horas de sono.

### 3. PROJETO TAMAR – uma “família” de *Workaholics*

Durante minha estadia em campo, sempre que eu perguntava sobre o início das pesquisas com tartarugas no Brasil logo me diziam, de formas ligeiramente diferentes, que eles estavam associados a criação do TAMAR. A grande maioria relacionava o início de tudo à uma expedição realizada em 1977 por um grupo de estudantes de Oceanografia da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, no Rio Grande do Sul. Muitos citavam e indicavam a leitura do livro “Assim nasceu o Projeto TAMAR” (TAMAR, 2000).

Uma das características mais marcantes nos relatos cotidianos dos estagiários, demais gestores e até mesmo no próprio livro sobre o Projeto é o fato da expedição ter sido realizada por um grupo de jovens que, através de virtudes pessoais, desenvolveram o desejo de salvar o meio ambiente. Informações semelhantes foram obtidas por Jaqueline Sanz Rodriguez (RODRIGUEZ, 2005 p. 41-48), durante sua estadia em Regência. A autora conta esta história na forma de “mito fundador” do TAMAR. Este ponto é sempre ressaltado e, de certa maneira, acaba servindo como uma maneira de lembrar aos gestores e voluntários atuais, como a paixão e o auto sacrifício pelo trabalho de conservação é crucial para o sucesso do Projeto.

O coordenador dos estagiários<sup>5</sup> (chamado internamente de *trainee*) da temporada 2014/2015, Leandro<sup>6</sup>, disse que uma vez assimilada a necessidade de se entregar por completo ao trabalho, os estagiários sequer questionam o fato de terem que trabalhar quase 16:00 horas por dia durante a temporada de reprodução. Também não reclamam das poucas horas em que conseguem dormir. Pelo contrário, a maioria encara estes deveres como um verdadeiro privilégio e que, em outros centros de conservação de tartarugas pelo mundo, voluntários

---

<sup>5</sup> Todos os anos, durante a temporada de desova (setembro a março) é necessário que se realize a marcação, acompanhamento e registro do número de ninhos, ovos postos e filhotes nascidos. Para isso, são recrutados, em regime de voluntariado, os estagiários do TAMAR. São, em sua maioria, estudantes de graduação vinculados a algum curso pertencente às ciências naturais. A seleção e consequente alocação se dão através da análise do “perfil do candidato”.

<sup>6</sup> Todos os nomes foram modificados, preservando-se somente a primeira letra.

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES**

pagam quantias altas em dólares para poderem realizar esta mesma quantidade e qualidade de trabalho.

Roy Wagner (2012 p. 82-83), enquanto discorre sobre a cultura ocidental estadunidense, realiza uma série de distinções entre as características que separam questões de trabalho das questões de família. Estas distinções podem ser resumidas no quadro abaixo (Quadro 01):

<b>TRABALHO (PRODUTIVIDADE)</b>	<b>FAMÍLIA</b>
PÚBLICO	PARTICULAR
DINHEIRO	AMOR
SERVE PARA SUSTENTAR A FAMÍLIA	MAS NÃO SE BASEIA EM DINHEIRO OU TRABALHO
TRABALHO EM TROCA DE CRÉDITO	RELAÇÕES DE PARTILHA
“O DEVER ESTÁ ACIMA DE CONSIDERAÇÕES PESSOAIS”	“O AMOR É A ÚNICA COISA QUE O DINHEIRO NÃO PODE COMPRAR”

Quadro 01 – Elaboração própria, com base na leitura de Roy Wagner (2012)

No entanto, no que tange o relacionamento dos “sujeitos” estagiários e seus “objetos” tartarugas, as duas colunas da tabela não parecem tão distintivamente separadas. O trabalho de ambientalistas é comumente associado ao amor e desvinculado de questões financeiras. Também, os estagiários e o trainee dividem o mesmo alojamento durante meses e uma das estagiárias com quem conversei, Gisele, me disse que lá eles vivem “como uma família”. É como se os indivíduos partissem de sentimentos baseados no amor e na partilha para chegarem a resultados que, como consta na tabela “estão acima de considerações pessoais”. Bons resultados estão associados ao sucesso na conservação das tartarugas e a futuros financiamentos para o Projeto.

Além disso, outro episódio também me chamou a atenção nesse sentido. Na sala principal do alojamento, existe um quadro com o nome de todos os estagiários da temporada. Na frente de cada um dos nomes estão dispostos uma série de números, que se referem a determinados ninhos que foram encontrados pelos respectivos estagiários. Leandro, em um determinado momento, durante um almoço no alojamento, ao qual fui convidado, me disse que estava bastante ansioso. A ansiedade se dava por conta da alta expectativa a respeito da taxa de nascimento de um dos ninhos sob seus cuidados. Perguntei se essas expectativas eram comuns nos demais estagiários e Leandro me disse que sim, que alguns estagiários passam semanas falando de um ninho específico, ficando muito felizes ou muito tristes, dependendo dos resultados.

## I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

Acredito que o índice de sucesso de nascimento dos ninhos associados a cada um dos estagiários também influencia seu *status* hierárquico dentro do grupo<sup>7</sup>, mas, ainda assim, o aspecto emocional está presente. Quem nunca se deparou com “pais” que se orgulham e se consideram bons cuidadores com base no sucesso de seus “filhos”?

De acordo com Roy Wagner (2012), o processo de invenção, muitas vezes, acontece de forma inconsciente. Os indivíduos estão constantemente [re]categorizando os símbolos com os quais interagem sem perceber o que estão fazendo. É o caso das tartarugas enquanto símbolo para aqueles que interagem com elas. Em alguns momentos são objetos científicos que, na forma de números, indicam o sucesso ou fracasso do Projeto; em outros, podem ser sujeitos ativos, como os são seres antigos que sobrevivem há milhões de anos e por isso são considerados agentes resilientes (CREADO, 2015 p. 02-03); ou passivos, como uma espécie em perigo de extinção, que necessita de proteção; podem ser “filhos” dos estagiários; fonte de alimento e de estreitamento com os vizinhos (RODRIGUES, 2005 p. 113); um tabu alimentar gerador de conflitos. As possibilidades são infinitas.

Em seu livro, “A Invenção da Cultura” Roy Wagner (2012) discorre, dentre outras coisas, sobre a importância do processo de *comunicação* dentro e entre agrupamentos culturais e de como este processo só é possível através da relação dual entre *invenção* e *convenção*. A *convenção* se expressa através de inúmeros *contextos* que afetam e carregam uns aos outros e, quando estes *contextos* culminam em novas categorizações simbólicas, eis a *invenção*. Todavia, cada cultura tender a assumir que os significados convencionalizados dentro de seu próprio arcabouço simbólico são inatos (WAGNER, 2012).

Desta maneira, não faz sentido falar em significados primários para qualquer símbolo. O *significado* é produto das relações, uma função das maneiras pelas quais criamos e experienciamos *contextos*: “a definição e a extensão de uma palavra ou outro elemento simbólico constituem fundamentalmente uma mesma operação” (p. 115). Ou seja, quando utilizamos um elemento simbólico qualquer, estamos sempre estendendo suas associações, adquiridas através de sua integração convencional dentro de diferentes contextos, de forma inovadora.

Nesse sentido, também é possível pensar nos movimentos entre diferentes categorizações, através dos modos de identificação ontológica de Philippe Descola (2012, 2014). O autor

---

<sup>7</sup> Buscarei pela confirmação desta hipótese durante minha segunda estadia em campo, no mês de novembro.

## I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

aborda os conceitos de “modos de identificação” e “modos relacionais”, inferindo que as formas gerais de relações locais estruturam as conexões entre entidades que são distinguíveis através dos diferentes modos de identificação utilizados. Para tal, o autor comenta sobre quatro diferentes modos de identificação que se propõem a tratar sobre a relação entre *interioridade* e *fisicalidade* de forma que esquematizem nossa experiência no mundo, de acordo com o arranjo dos seres existentes e suas propriedades ontológicas.

O primeiro deles é o *animismo*, uma visão na qual existe uma continuidade de *interiores* e uma descontinuidade relacionada à *fisicalidade*. De acordo com o *animismo*, todas as categorias ontológicas participam do fenômeno da sociedade, com diferentes perspectivas umas em relação às outras. A partir deste último pressuposto, Descola (2014, p. 275), considera o Homem, e suas mais diversas atividades, como produtos de interações com outros corpos e forças de igual valor. Eduardo Viveiros de Castro cita Philippe Descola para observar que na cosmologia *animista* “o referencial comum a todos os seres da natureza não é o homem enquanto espécie, mas a humanidade enquanto condição” (DESCOLA, 1986, p. 120 apud VIVEIROS DE CASTRO, 1996, p.119).

Em seguida, o *totemismo*. Descola aponta que o totemismo é mais do que aquele dispositivo classificatório universal, que Lévi-Strauss tentou desmerecer em “A Ilusão Totêmica” (2014, p.275). É algo além disso, trata-se de uma ontologia na qual todos os seres, humanos e não humanos, afiliados a um determinado totem, compartilham aspectos de suas *fisicalidades* e/ou *interioridades*. O principal totem de um grupo geralmente é um animal ou uma planta, mas seu nome não necessariamente coincide com a entidade taxonômica representada. Em alguns casos é uma referência a uma qualidade abstrata associada à figura representada no totem e a todos os seres afiliados a este.

Em terceiro lugar nos fala do *analogismo*, que situa as diferentes ontologias em uma escala de diferenciação gradual, sem que necessariamente haja uma conexão física ou espiritual entre as diferentes partes que a compõem. Descola chama o analogismo de “sonho hermenêutico de completude e totalização, procedente de uma insatisfação” (p. 276, tradução minha), de acordo com o autor, esta insatisfação vem da tentativa de organizar as descontinuidades do mundo, de modo a fazer com elas pareçam, de alguma forma, contínuas.

Por último discorre sobre o *naturalismo* (relacionado com a visão adotada pelo ocidente) marcado pela dualidade descontínua, entre um pólo único de oferta de recursos necessários – a natureza – e outros pólos, plurais, que realizam a utilização destes recursos de forma

# I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

espontânea e diversa – as culturas. Neste modo de identificação, ao contrário do que ocorre na ontologia *animista*, existe uma descontinuidade de *interiores* e uma continuidade *física* (DESCOLA, 2014 p. 277). Além disso, para o autor, apesar de existirem algumas ontologias que se aproximem bastante de modelos “puros”, situações de hibridismo, nas quais ocorre uma ligeira dominação de algum dos modos de identificação sobre os outros, seriam as mais comuns (p. 277).

O TAMAR é parte de uma instituição governamental que pratica e se fundamenta em pesquisas científicas baseadas nos paradigmas evolutivos das ciências naturais. Logo, podemos associá-lo à um modo de identificação naturalista. Mas, o comportamento dos estagiários, que trabalham como voluntários, nos remete a questões emocionais que elevam as tartarugas a outro patamar ontológico, mais próximo do animismo. Elas passam, em determinados momentos, de um táxon ameaçado para um ente merecedor de dedicação e amor incondicional, um ser pelo qual vale a pena “se matar de trabalhar”. Para Roy Wagner, a família não se baseia em dinheiro, mas o trabalho serve para “sustentar” a família (WAGNER, 2012).

Esta é uma postura que, de certa forma, acaba sendo esperada dos estagiários. Uma das tirinhas da Galera da Praia mostra – perdoem-me a blasfêmia sociológica - o “tipo ideal” do estagiário do TAMAR, a saber: um indivíduo emocionalmente envolvido com outras pessoas e com as tartarugas, mas, que ao mesmo tempo, possui um grande senso de responsabilidade e preocupação para com os dados científicos (Imagem 01<sup>8</sup>).



Imagem 01 – Tirinha da Galera da Praia lançada em 31 de agosto de 2013

<sup>8</sup> Imagem retirada do site [http://www.tamar.org.br/galera\\_da\\_praia.php](http://www.tamar.org.br/galera_da_praia.php). Último acesso em 04 de setembro de 2015.

# I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

Desta forma, para finalizar a sessão, utilizarei um trecho da análise de Guilherme Sá (2013), sobre a relação entre sujeito e objeto nas ciências naturais, principalmente no que se refere a estudos com animais de grande porte. O autor se refere aos primatólogos que observou para sua pesquisa, mas creio que algo parecido pode ser pensado sobre a relação entre os estagiários do TAMAR e seus ninhos e tartarugas:

A procura pela objetividade dos dados, pela não-influência, a busca pela naturalidade nas ações dos objetos de estudo (primatas e primatólogos) evidenciava progressivamente a subjetividade das relações entre pesquisador e objeto. De um problema objetivo entre termos relacionados emerge a constatação da subjetividade desta relação. Cada primatólogo tinha uma forma particular de se relacionar com seu objeto de estudo. Lidar com os macacos diariamente incutia em estabelecer relações com eles que passavam pelo crivo do cientificismo, mas muitas vezes não se mostravam tão objetivas quanto se esperava delas. Absorvendo a noção de “tradução com pequenas traições” (Velho 2002) a tradução da Ciência parecia abrir espaço para pequenas traições subjetivas no curso do trabalho dos cientistas. Pequenas traições do cotidiano a uma ‘Verdade’ epistemológica residente na grande empresa da Ciência (SÁ, 2013. p. 30).

## 4. Invertendo Convenções

Diferentemente do que alguns podem pensar, nossa interação com as tartarugas não se tornou significativa apenas em tempos contemporâneos. Na realidade, a convivência entre humanos e tartarugas é longa e complexa, com registros na história antiga de diversas civilizações e em várias partes do mundo<sup>9</sup>. Além da obtenção de carne, óleo e de seus cascos, outros meios de interação menos utilitaristas também têm importante papel na relação homem-tartaruga.

Como veremos adiante, diferentes “tipos de relação” humanos-tartarugas ainda existem atualmente e vez ou outra, estas diferentes formas de ver o mundo se encontram. Estes animais já foram utilizados como poderosos símbolos em diversas culturas e podem nos ajudar a entender como diferentes civilizações interagem com o mar e, de certa forma, nos dar indícios sobre a visão que tinham a respeito da natureza (FRAZIER, 2005 p. 05). O mesmo autor, em outro artigo, aponta que as relações contemporâneas entre humanos e tartarugas também são ricas e diversas (FRAZIER, 2009. p. 242).

No caso do ES, há relatos de várias gerações que utilizavam, antes da chegada do TAMAR, a tartaruga como fonte de alimento, medicamentos, ornamentos e como uma forma de fortalecer os laços entre os moradores da região, através da oferta de sua carne como presente

---

<sup>9</sup> Para mais detalhes ler os textos “Prehistoric and Ancient Historic Interactions between Humans and Marine Turtles” e “Marines Turtles of the Past: a vision of the future? ”, de Jack Frazier. O Primeiro texto é o capítulo inicial do livro “The Biology of Sea Turtles – Vol II” (2003) e o segundo é o décimo capítulo do livro “The Future from the Past: Archaeozoology in Wildlife Conservation and Heritage Management” (2004).



## I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

(RODRIGUEZ, 2005 p. 113). Sendo assim, existem conflitos multidimensionais que envolvem as tartarugas marinhas, sobretudo a sua dimensão valorativa, comparando as diferentes formas de relação homem-animal estabelecidas, de um lado, por agentes governamentais e não-governamentais e, por outro, pelos grupos sociais aos quais voltam-se as ações de mediação dos conflitos com estes animais.

Na região do Rio Doce a coleta dos materiais oriundos das tartarugas era realizada pelos *carebeiros*. Os *carebeiros*, eram pescadores que se especializaram, de forma empírica e através de ensinamentos ancestrais, em técnicas de rastreamento e interceptação das tartarugas fêmeas que subiam em terra firme para desovar. Estes especialistas sabiam encontrar os ninhos enterrados, sabiam os locais e a época preferencial de desova de cada espécie, sabiam localizar os rastros deixados pelas tartarugas, dentre muitos outros conhecimentos. Eram, também, membros bastante respeitados em suas comunidades, pois possuíam um tipo de saber que poucos compartilhavam. Em uma região de restinga, na qual só habitam primordialmente pequenos mamíferos, as fontes de carne vermelha são escassas e uma tartaruga de 250 quilos é uma reserva considerável, senão extraordinária, deste tipo de alimento<sup>10</sup>.

Depois da chegada do Projeto TAMAR e da criação da Reserva Biológica de Comboios, no início da década de 1980, as práticas relacionadas ao consumo de ovos e carne de tartaruga foram proibidas e, desta forma, o início das relações entre as partes foi marcado por diversos conflitos. Buscando reverter a situação, o TAMAR realizou uma iniciativa que, além de beneficiar enormemente o Projeto, de certa forma, amenizou um pouco as tensões entre este e os moradores locais, eles *inventaram* um novo significado para a carebada.

Além disso, como as pesquisas com tartarugas no Brasil ainda não possuíam precedentes, os técnicos do TAMAR simplesmente não sabiam exatamente qual metodologia de campo seria ideal para que fosse possível a verificação, coleta e marcação das tartarugas que desovavam em nossas praias, assim como de seus respectivos ninhos. A grande “jogada de mestre” do TAMAR foi convencer os principais *carebeiros* de cada comunidade a redirecionarem os objetivos de suas práticas. Eles continuariam *carebando*, mas ao invés de coletarem os ovos e a carne das fêmeas, passariam a identificar os ninhos para o TAMAR, em troca de um

---

<sup>10</sup> Em sua dissertação, Jaqueline Sanz Rodriguez aponta fortemente que, para os nativos de Regência, a carne da tartaruga é considerada “carne vermelha”. (RODRIGUEZ, 2005).

## I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

salário, passando seu precioso conhecimento para os técnicos de campo, além de auxiliarem estes últimos em suas atividades.

O *carebeiro*, inclusive, é um termo usado, e as vezes criticado por alguns estudiosos, pelo fato...ele era o termo usado para aquele pescador, aquela pessoa que comia a tartaruga, esse era o *carebeiro*. Então o carebeiro era quem ia na praia atrás dos ovos e ia na praia atrás das fêmeas, para o abate delas. Então manteve-se o nome *carebeiro*, mas se mudou a função dele. [...]. Então é fundamental essa troca, realmente uma troca. Inclusive os *carebeiros*, eles ensinaram os primeiros técnicos, como se achar as desovas, quais eram os principais locais, quais eram as carebas que desovavam aqui [...] então eles que ensinaram muito do que o TAMAR sabe hoje. (Jaime, entrevista 23 de março de 2015).

Esta aliança com os *carebeiros* não eliminou todos os conflitos de imediato, pelo contrário, esta atitude serviu para dividir a comunidade entre aqueles que ficaram do lado dos *carebeiros* e aqueles que os acusaram de traição. No entanto, o TAMAR conseguiu também, isso sim de imediato, os melhores “consultores” possíveis para atingir seus objetivos e desenvolver um protocolo metodológico de campo de qualidade, no que tange o manejo de tartarugas marinhas.

Assim, com o tempo, o Projeto e as pessoas vinculadas a ele conseguiram, de certa forma, *convencionalizar* (mesmo que parcialmente) sua forma de se relacionar com as tartarugas na região. Até hoje existe desaprovação em relação ao Projeto, mas aparentemente de uma forma menos direta. Logo, acredito, a *[re]invenção* da carebada pelo TAMAR pode ser considerada um bom exemplo de *inversão de convenções*. Antes, a carebada em busca de ovos e carne era uma categoria *coletivizante*, ao passo que carebar como forma de ajudar o TAMAR era uma categoria *diferenciante* (associada a traição). Com o passar dos anos, com a consolidação do TAMAR enquanto autoridade na região, as categorias se inverteram, sendo que hoje, carebar com o objetivo de coletar ovos e carne é *diferenciante* (associada ao crime) e carebar nos moldes do TAMAR é *coletivizante*, é o “normal”.

Nesse sentido, podemos pensar nesta *inversão de convenções* através nos modos relacionais ontológicos de Descola (2012). É possível considerar que houve, ao longo do tempo, uma mudança nas proporções entre uma relação de predação/dádiva (caça e partilha da carne) e uma relação de proteção/transmissão (proibição da caça e educação ambiental), ambas predominantemente naturalistas. A primeira tendo perdido espaço para a última.

Vale destacar que, Descola (2012. p. 449) considera as relações de predação e de dádiva como sendo mais horizontais, se comparadas com as relações de proteção e transmissão. Estes dois tipos de relação seriam universais, sendo a primeira negativamente assimétrica e

## **I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES**

a segunda positivamente assimétrica, tratando, ambas, do movimento de algo valioso entre duas partes ontologicamente equivalentes. Ora, sem a sua presa, o predador deixa de existir, assim, a predação é o ato de se apropriar de algo sem oferecer nada em retorno. Antes de uma intenção de eliminar, trata-se de um reconhecimento do outro como sendo indispensável para a perpetuação de si mesmo (p. 455). A dádiva é considerada pelo autor como uma transferência única que pode, eventualmente e sem garantias, resultar em uma contratransferência. Este tipo de relação é baseado no conceito de confiança, que é ao mesmo tempo uma combinação de autonomia e dependência (p.452-454).

No que tange a relação de proteção/transmissão, o autor considera o movimento nestes dois tipos de relação como sendo imperativo, dependendo de apenas uma das partes para se concretizar. Além disso, operam entre diferentes hierarquias ontológicas. A proteção é uma relação de dominação, do protetor sobre o protegido e apesar de nunca ser recíproca, em alguns casos, pode se inverter ao longo do tempo. Frequentemente é mutuamente rentável, mas ainda assim a relação é desigual (DESCOLA, 2012. p. 463). A transmissão é o modelo de relação que, acima de todos permite a dominação dos vivos, pelos mortos. A ênfase das relações de transmissão reside, principalmente, nas consequências institucionais vinculadas aos ancestrais de um certo grupo (p. 464). Ao meu ver, aqui, no caso considerado, esta relação se refere à transmissão dos ideais conservacionistas do TAMAR para as futuras gerações, através das iniciativas de educação ambiental.

### **5. Dando Bandeira**

Enquanto passava os dias acompanhando os técnicos e gestores do TAMAR, um conceito era trazido à tona, vez ou outra, para explicar porque a imagem das tartarugas marinhas é tão importante para o Projeto, o conceito de espécie bandeira. De acordo com Frazier (2005) este conceito - diferentemente de conceitos como “espécie-chave” ou “espécie-indicadora” - não vincula absolutamente nenhuma qualidade ecológica ou biológica às espécies agrupadas sob seu rótulo (FRAZIER, 2005 p. 14). Logo, o conceito está intimamente ligado à questão do nível de carisma que a espécie transmite para o público em geral.

Ou seja, quando o termo *espécie bandeira* é utilizado, mesmo nas práticas cotidianas, para atribuir características biológicas às tartarugas, afirmando que elas são responsáveis pela manutenção de diversas outras espécies ou de seu ecossistema, está se realizando uma recategorização, que muitas vezes passa despercebida. Certamente, uma determinada

## I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

espécie pode ser, ao mesmo tempo, uma espécie bandeira e uma espécie-indicadora, por exemplo. No entanto, durante minha experiência de campo, principalmente quando os visitantes estavam sendo instruídos pelos funcionários do TAMAR, era comum ouvir que as tartarugas são espécies bandeira e que por isso contribuem para a conservação de outras espécies, assim como do ecossistema em que vivem.

Talvez, a intenção dos funcionários fosse associar o carisma das tartarugas a uma maior aceitação social do programa e a um consequente aumento dos incentivos que permitem sua forma de atuação, não saberia dizer. Mas na prática, o que aparece, nos termos de Roy Wagner (2012), é uma forma *diferenciante*, talvez inconsciente, da categorização científica “oficial” do conceito de espécie bandeira. O interessante é que, aos poucos, essa *invenção*, talvez fruto de um “mal-entendido”, pode acabar sendo coletivizada na forma de uma nova categoria.

Eis um exemplo que ultrapassa as fronteiras do Rio Doce: outra das tirinhas da Galera da Praia (Imagem 02), publicada na data de 16 de fevereiro de 2013, exemplifica o que tento demonstrar. As tirinhas estão sempre acompanhadas de algum informe “menos lúdico”, que aparece no canto inferior esquerdo, depois do questionamento “Você sabia?”. Na tirinha em questão, o informe diz o seguinte: “Espécies bandeira são aquelas que atraem a atenção das pessoas e são usadas para difundir a mensagem da conservação, beneficiando também espécies menos conhecidas e seus habitats”<sup>11</sup>.



Imagem 02 – Tirinha, Galera da Praia publicada na data de 02 de fevereiro de 2013

<sup>11</sup> Texto contido na (Imagem 02), retirada do site [http://www.tamar.org.br/galera\\_da\\_praia.php](http://www.tamar.org.br/galera_da_praia.php). Último acesso em 04 de setembro de 2015.

# I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

Ao meu ver, nesta sentença o TAMAR associa **diretamente** o aumento da sua aprovação, pelo público em geral, devido ao carisma das tartarugas, ao aumento da conservação de diferentes habitats e das espécies que os ocupam. O projeto, de certa maneira, se personifica em tartaruga, ou melhor, se “quelonifica”, conferindo a si mesmo, mas se referindo às tartarugas, características ecológicas extraordinárias. Trata-se, praticamente, dentro de um modo de identificação predominantemente *naturalista*, de uma identificação ontológica *animista*, na qual as duas partes consideradas (tartarugas e TAMAR) passam a compartilhar traços referentes às suas interioridades, a saber: o poder de salvar outras espécies com seu carisma. Não estou dizendo que as tartarugas não possuem tais capacidades, também não posso afirmar que as têm, estou apenas chamando a atenção para o fato de que mesmo uma terminologia científica, à princípio, coletivizada, pode ser [re]inventada sem que se perceba. Do mesmo modo, as alterações no *desequilíbrio* entre diferentes formas de identificação e relações ontológicas podem se modificar de diversas formas.

Logo, por se tratar de um conceito de categorização social, podemos acreditar que a mesma espécie, caso considerada uma espécie bandeira, pode vir a ser simbolizada de formas diferentes por diferentes grupos e/ou diferentes localidades. Em relação ao significado de um determinado símbolo, concordamos com Roy Wagner (WAGNER, 2012)

O significado é, pois, produto das relações, e as propriedades significativas de uma definição são resultados do ato de relacionar tanto quanto as de qualquer outro constructo expressivo. Mas o significado seria sempre completamente relativo não fosse a mediação da convenção – a ilusão de que algumas associações de um elemento simbólico são “primárias” e autoevidentes. Se o significado é baseado na relação, então o bom e sólido sentimento de denotação “absoluta” (sobre o qual tantas epistemologias linguísticas são fundadas) é uma ilusão fundada na não relação, ou tautologia.” (WAGNER, 2012 p. 115, grifo meu).

## 6. Considerações Finais

Roy Wagner, na citação anterior, apresenta um argumento que pode dialogar com Philippe Descola. De certa forma, ambos sustentam que as diferentes maneiras como significamos e categorizamos as “coisas” ao redor, são produtos das relações que estabelecemos com elas. Os dois autores, ao meu ver, também parecem acreditar em algum tipo de *movimento*, uma fluidez nos arranjos e modelos simbólicos ou ontológicos, respectivamente.

No entanto, acredito que este *movimento* em Roy Wagner se aproxima mais de um sistema *retroalimentador*, no qual invenções e convenções se afetam mutuamente e constantemente, dando origem a novas categorias simbólicas que, por sua vez, serão também [re]inventadas

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES**

e [re]categorizadas, *ad infinitum*. Descola, por sua vez, me parece apontar um movimento de natureza mais *combinatória/posicional*, no qual os diferentes modos de identificação e relação ontológicos existentes possuem diferentes “dosagens”, estabelecendo *desequilíbrios* favoráveis que permitem o domínio de um destes modos sobre os outros. Estes “domínios” seriam, por sua vez, distinguidos de outros através da comparação entre descontinuidades introduzidas “ao redor”, ou seja, de sua relação posicional com outras ontologias.

Em seu livro, “Reagregando o Social – uma introdução à teoria do ator-rede”, Bruno Latour discorre, dentre outras coisas, justamente sobre o que permite o estabelecimento do que chamamos de social, ou coletivos, assim como o que permite que as diferentes ciências contribuam para tal construção. Assim como Roy Wagner nos fala sobre o movimento eterno entre invenção e convenção (WAGNER, 2012 p. 79-80) e Descola sobre fronteiras ontológicas, marcadas por descontinuidades posicionais, entre diferentes coletivos (DESCOLA, 2014. P. 448), Latour também acredita que devemos considerar o social como algo em movimento, como um fluido que deve ser seguido, não como algo dado, estático, determinado (LATOURE, 2012 p. 25)

Neste sentido, também podemos pensar no conceito proposto por Gilles Deleuze e Félix Guatarri, abordado por Tim Ingold (DELEUZE & GUATARRI, 2004 p. 377 apud INGOLD, 2012. p.26), o conceito de *materiais e forças*. Estes dois filósofos franceses defendem que as relações essenciais da vida não se dão através da matéria e da forma, como assumido pelo modelo hilemórfico de Aristóteles – tão enraizado no pensamento ocidental - mas pelo fluxo de todos os tipos de materiais e suas diferentes propriedades através das forças do universo.

Deste modo, busquei, dentro do possível, contrapor uma caracterização estática e pré-concebida da natureza da tartaruga em relação às diferentes culturas que interagem com elas e que, de alguma forma a categorizam, seja simbolicamente ou ontologicamente. Em seu Manifesto Ciborgue, Donna Haraway (2000, p. 46-49) aponta como a criação de identidades sempre exclui algum aspecto da vida e que, em sua opinião, deveríamos nos atentar aos processos de afinidade que se estabelecem em determinados momentos, e que estão constantemente se modificando, entre diferentes grupos e indivíduos. Seriam identidades temporárias, que se formariam de acordo com os diferentes contextos espaço-temporais, assim como um ciborgue, que pode modificar seu corpo, sua identidade, de acordo com suas necessidades.

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES**

**Referências Bibliográficas**

CREADO, Eliana Santos Junqueira. Tartarugas marinhas e mudanças climáticas: uma não-questão para tartarugueiros brasileiros. *Anais da ReACT-Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia*, v. 2, n. 2, 2015.

DESCOLA, Philippe. Beyond Nature and Culture. *HAU: Journal of Ethnographic Theory* vol. 2 n° 1, p. 447-471, 2012.

DESCOLA, Philippe. Modes of being and forms of predication. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, vol. 4, n° 1, p. 271-280, 2014.

FRAZIER, Jack. Marine turtles: The Role of Flagship Species in Interactions Between People and the Sea. *Mast*, 3(2) and 4(1): p. 5–38. 2005

FRAZIER, John G. The Turtles Tale: Flagships and Instruments for Marine Research, Education, and Conservation. *Smithsonian Contributions to the Marine Sciences*, n° 38, p. 241-246, 2009.

TAMAR, Projeto. Assim nasceu o Projeto Tamar. Salvador, Fundação Pró-Tamar, 2000.

HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue, In: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz. *Antropologia do ciborgue*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*. Vol. 18, n° 37. Porto Alegre. Janeiro/Junho. 2012.

LATOUR, Bruno. Reagregando o social: Uma Introdução à teoria do Ator-Rede. Bauru, SP, EDUSC/Salvador, BA, EDUFBA, 2012.

RODRIGUEZ, Jacqueline Sanz. Tartarugas Marinhas e sua Proteção: Encontros e Desencontros entre a População de Regência e o Projeto Tamar. Dissertação. UENF 2004.

SÁ, Guilherme. No mesmo galho: antropologia de coletivos humanos e animais. RJ: 7 Letras, 2013.

SALLES, Charlene B. Impactos dos projetos de desenvolvimento na pesca artesanal de regência augusta/ES. Vitória: Anais do Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFES, ano 01, n.01, 2011. VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana*. 1996, vol.2, n.2, p. 115-144.

WAGNER, Roy. A Invenção da cultura. São Paulo, SP. Cosac Naify, 2010.